



**Campus do Observatório Nacional no Morro de São Januário, no Rio de Janeiro, em 1921
(AHC/MAST, Fundo Henrique Morize).**

APRESENTAÇÃO

A História da Ciência e da Tecnologia está presente no coração do MAST desde as primeiras discussões a propósito da organização do Grupo Memória da Astronomia, em 1982, que deu origem ao chamado Núcleo de Pesquisa em História da Ciência, ligado ao CNPq, embrião da nova instituição. O MAST foi criado em 8 de março de 1985, em uma conjuntura promissora no que diz respeito à implementação no país de uma política consistente para a Ciência e Tecnologia, expressa, entre essa e outras iniciativas concomitantes, pela criação do Ministério da Ciência e Tecnologia (atual Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação), naquele mesmo mês de março. E se, como sabemos hoje, a implementação desse projeto político acabou frustrando muitas expectativas, e o próprio Ministério passou por muitos percalços em sua trajetória – assim como o MAST –, é forçoso admitir que os objetivos imediatos do Grupo Memória da Astronomia foram atingidos, a começar pelo tombamento do campus, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1986 (cf. volume 1 desta coleção).

Os atores sociais envolvidos no projeto Memória da Astronomia e na criação do MAST não podiam, contudo, imaginar o que aconteceria depois com a área de História da Ciência e da Tecnologia no Brasil. A primeira metade da década de 1980 foi palco de iniciativas que já indicavam o crescimento de pesquisas nessa área, não só no Brasil mas em outros países da América Latina, as quais certamente estavam no horizonte de alguns fundadores do MAST. Entre elas, podemos destacar a organização de sociedades científicas, como a Sociedad Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología (SLHCT, 1982) e a Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC, 1983), além da realização de seminários e congressos científicos, como um pioneiro seminário na Colômbia, em 1983, lembrado pela historiadora Maria Amélia Mascarenhas Dantes – além de testemunha das mudanças em curso, uma de suas protagonistas, graças a seu papel na articulação dos pesquisadores brasileiros, entre si e com os colegas latino-americanos, e, sobretudo, à sua contribuição para a formação acadêmica de gerações de pesquisadores em História da Ciência no Brasil.

Mas a partir da segunda metade da década de 1980, o que se viu no Brasil foi uma área em efervescência, que rapidamente alcançou projeção nacional e internacional. Para isso foram fundamentais vários fatores, tais como o acesso da comunidade, ainda incipiente, a periódicos especializados, como a revista *Quiju*, publicação da SLHCT (1984), e a *Revista da SBHC* (1985; atualmente denominada *Revista Brasileira de História da Ciência*); sua participação em congressos e seminários nacionais e latino-americanos, como o 1º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, realizado no Rio de Janeiro – no MAST –, em setembro de 1986, e o 2º Congresso Latino-americano de História da Ciência e da Tecnologia, realizado em São Paulo, em julho de 1988; sua integração em grupos de pesquisa nacionais e internacionais, como o grupo *Recherches Epistémologiques et Historiques sur les Sciences Exactes et les Institutions Scientifiques* (REHSEIS), da França.

Alguns autores, como a própria Maria Amélia Dantes, já apontaram para a contribuição de aspectos teórico-metodológicos na expansão da História da Ciência em países latino-americanos. Em linhas gerais, são destacados os debates e a produção historiográfica suscitados pelo chamado “modelo difusionista”, proposto por Georges Basalla, em 1967, para explicar o desenvolvimento científico em países ditos “periféricos”, assim como o impacto provocado pelas críticas à perspectiva epistemológica até então predominante nas investigações históricas sobre a Ciência – ou “as ciências” –, formuladas tanto nas pesquisas em sociologia das ciências levadas a cabo em universidades do Reino Unido, por autores como David Bloor, Barry Barnes e Steven Shapin, quanto

em trabalhos de autores identificados com os chamados estudos etnográficos das ciências, ou simplesmente estudos de laboratório, como Bruno Latour, Steve Woolgar e Karin Knorr-Cetina.

Outro aspecto a ser levado em conta, em uma análise do extraordinário crescimento da área, foi a multiplicação dos programas de pós-graduação no Brasil, sobretudo a partir dos anos 2000. Nesse sentido, se de início a titulação em História da Ciência, quando se dava no Brasil, era obtida sob a orientação de especialistas relativamente isolados em cursos de Ciências, História, ou Engenharia, concentrados nas grandes universidades do Rio de Janeiro e São Paulo, desde então os aspirantes à carreira passaram a contar com uma gama de programas específicos na área, além de linhas de pesquisa abrigadas em programas de História ou Ensino de Ciências, espalhados em diversos estados do país.

Só muito recentemente o MAST começou a atuar na formação em História da Ciência e da Tecnologia em nível de pós-graduação, através da associação com o Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, da colaboração com o Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana, e da inclusão de uma linha de pesquisa em “Acervos, História e Divulgação” no seu Curso de Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia no Brasil, recém-criado. Não obstante, os pesquisadores da Coordenação de História da Ciência (CHC) do MAST desempenharam um papel determinante na consolidação dessa área, desenvolvendo estudos pioneiros em diversas temáticas (sob esse aspecto, cabe lembrar que muitos pesquisadores da CHC situam-se na primeira geração a titular-se com dissertações e teses na área), orientando bolsistas de iniciação científica e do Programa de Capacitação Institucional do MCTI, coordenando projetos de pesquisa interdisciplinares, interdepartamentais e interinstitucionais, organizando eventos científicos de âmbito nacional e internacional. Seu papel foi ainda mais importante devido à especificidade dessa produção dentro do cenário nacional, na medida em que concentrada na História das Ciências Naturais e Exatas e da Tecnologia no Brasil.

A produção científica dos historiadores das ciências do MAST é vasta, e tem sido veiculada, tanto no Brasil como no exterior, através de diferentes meios, como periódicos especializados, livros autorais e coletâneas, além de conferências, palestras e comunicações em eventos técnico-científicos. Todavia, essa rica e variada produção ainda não havia sido apresentada em conjunto, de maneira orgânica. Claro que ao longo dos anos, por diferentes razões, vários pesquisadores se afastaram da instituição, e, antes de prosseguir, gostaria de registrar a relevância de seu trabalho e o vazio que sua ausência deixou entre nós. De qualquer modo, ainda que de escopo limitado à equipe da CHC pouco antes de sua publicação, o presente volume da coleção *MAST – 30 Anos de Pesquisa* pretende não apenas comemorar uma efeméride, mas efetivamente representar um retrato da contribuição desse grupo de profissionais à História da Ciência e da Tecnologia do Brasil.

Para encerrar, gostaria de agradecer em primeiro lugar à diretora do MAST, Heloisa Maria Bertol Domingues, que apoiou a realização da referida coleção, e ainda encontrou tempo para produzir um texto especialmente para o presente volume. Em segundo lugar, aos meus colegas da CHC pela participação nesta coletânea. Em um contexto em que a competência científica é avaliada pela produtividade e por critérios postulados pelas agências de fomento, que desvalorizam, por exemplo, as publicações endógenas, seu investimento na redação, adaptação, e revisão dos textos aqui apresentados ganha uma dimensão ainda maior. Agradeço também sua confiança em meu trabalho como coordenadora do livro, e espero que todos, autores e leitores, fiquem satisfeitos com o resultado desse esforço coletivo.

Christina Helena da Motta Barboza